



Cómo convertirse en consumidor/usuario de pasta de base de cocaína o crack
How to become a consumer / user of cocaine or crack base paste
Como tornar-se consumidor/usuário de pasta base de cocaína ou crack

William Álvarez

Universidad Federal de São Carlos (UFSCAR)/ São Paulo, Brasil

williamlogia@gmail.com

Recibido/Received: 08/04/2017

Aceptado/Accepted: 31/07/2017

RESUMEN:

La finalidad de este ensayo tiene como objetivo analizar la subjetividad del consumidor/usuarios de pasta base de cocaína, tomando como referente una etnografía de un año de duración en un barrio reconocido por tener altos grados de violencia y venta de drogas ilícitas, el cual está ubicado en el centro de la ciudad de Quito-Ecuador. Retomo estos datos etnográficos para pensar principalmente desde tres autores: Pierre Bourdieu, Michel Foucault y Norbert Elias. Usando categorías tales como: habitus, biopolítica, psicogénesis y sociogénesis, me propongo analizar la subjetividad y las estructuras sociales que lleva a cierto tipo de sujetos a convertirse en consumidores de drogas ilícitas como pasta base de cocaína o crack.

Palabras clave: etnografía, subjetividad, poder, consumidores/usuarios, habitus

ABSTRACT:

The purpose of this essay is to analyze the subjectivity of cocaine base consumer / user, taking as reference an ethnography of a year of trajectory in a neighborhood recognized for having high levels of violence and illegal drug sales, a neighborhood located in the center from the city of Quito-Ecuador. I return to this ethnographic data to think especially from three authors: Pierre Bourdieu, Michel Foucault and Norbert Elias. Making use of the categories: habitus, biopolitics, psychogenesis, and sociogenesis, I propose to analyze the subjectivity and the social structures that leads to a certain type of subject to become consumers of illegal drugs such as crack cocaine base paste.

Keywords: ethnography, subjectivity, power, consumers / users, habitus

RESUMO:

O fim deste ensaio tem como objetivo analisar a subjetividade do consumidor/usuário de pasta base de cocaína, tomando como referente uma etnografia de um ano de trajetória em um bairro reconhecido por ter alto graus de violência e venda de drogas ilegais, bairro localizado no centro da cidade de Quito-equador. Volto a esses dados etnográficos para pensar especialmente desde três autores: Pierre Bourdieu, Michel Foucault e Norbert Elias. Fazendo uso das categorias: habitus, biopolítica, psicogêneses, e sociogênese, proponho-me analisar a subjetividade e as estruturas sócias que leva a certo tipo de sujeito tornar-se consumidores de drogas ilegais como pasta base de cocaína o crack.

Palavras chave: etnografia, subjetividade, poder, consumidor/usuário, habitus

Introdução

Este ensaio é o resultado de minha pesquisa de mestrado a qual está baseada em uma etnografia de mais de um ano de observação participante nas ruas violentas de um bairro central da cidade de Quito-Ecuador (Alvarez 2015). Nesta etnografia me concentrei em descrever as estratégias de sobrevivência de um grupo de jovens negros migrantes vendedores de drogas ilícitas como também consumidores¹ dessas drogas, principalmente pasta base de cocaína (daqui em diante Pb/c).

Mas nesta oportunidade, gostaria de teorizar e contrastar sociologicamente como o consumo e os consumidores de crack, bazuco, paco e Pb/c na América do Sul² podem estar configurados pelo mesmo tipo de subjetividade e objetivamente ou pelos mesmos padrões socio-culturais. Por tanto, a pergunta para dar início a este artigo é: como tornar-se consumidor de Pb/c ou crack?

Sem duvida, o consumo das drogas duras (não naturais ou químicas) como as mencionadas acima, especialmente na América do Sul na última década, ter alcançado níveis altos em relação ao consumo da cocaína e a maconha. Mas em cada país onde este consumo ter virado escândalo (o Brasil) e aumentado drasticamente até virar problema de saúde pública e seguridade urbana, há uma perspectiva social, cultural e moral particular pelo qual dificulta uma análise macro, análise já muito conhecido pela infinidade de relatórios e textos sobre o tema, aspeto que nos obriga reduzir nosso alcance a uma perspectiva moderada que consiga unificar as singularidades em um todo compreensível desde um olhar das ciências sociais.

Neste caso quero sair do análise econômicos, histórico e cultural que fiz na minha pesquisa anterior para me mergulhar ao interior do sujeito e da subjetividade que leva aos indivíduos nesta região do continente³, tornar-se consumidor deste tipo de drogas para assim aproximarmos desde outro ponto de vista ao interior do sujeito, principalmente no consumidor morador de rua. Por isso, a abordagem teórica deste artigo tem como alvo, experimentar na intermediação material dos objetos (drogas) e as subjetividades dos sujeitos consumidores frente ao consumo de drogas.

Para poder compreender este processo, faço uso de três categorias: habitus (Bourdieu 1997), biopolítica (Foucault 2000) y psicogêneses (Elias 1994). Tentarei cruzar cada uma dessas

¹ Neste artigo eu faço uma diferença entre: usuário e consumidor de drogas ilícitas. Um usuário pode-se conectar ou desconectar regular ou irregularmente ao uso de substâncias tóxicas. Ao contrário do consumidor em tempo integral, que não tem nenhum controle e consciência de sua dependência. No entanto, no caso de moradores de rua em Quito, ambas as categorias não estão em conformidade com a sua realidade social.

² Faço menção destas drogas primeiro porque são as que conheço diretamente a partir de minha pesquisa ou observações de campo, e segundo, porque também são as drogas mais consumidas recentemente (a exceção da Colômbia) no Brasil, a Argentina, o Equador e a Colômbia. O bazuco (basura [lixo]de cocaína) e o paco (pasta de cocaína), são drogas de baixo custo similar ao crack elaborada com resíduos da cocaína e processada com ácido sulfúrico e querosene. Na Colômbia se conhece com o nome de *bazuco*, no Equador como *polvo*, e na Argentina como *paco*.

³ Acho que posso ser pretencioso ao pensar na possibilidade de encontrar uma gramática e uma semântica conjunta do que acontece em América do Sul ao redor do consumo e dos consumidores deste tipo de drogas, embora as historiografias de cada país representem grãos diferentes de manifestar o impacto do uso e tráfico das drogas ilícitas, há uma questão em comum implícita das pessoas que fazem parte deste circuito sem importar as diversas historiografias de cada país, cultura ou região. A questão é o sujeito, a sua subjetividade e estruturação social. Desde um olhar etnográfico comparado, um usuário/consumidor de bazuco na Colômbia, de Pb/c no Equador e de crack no Brasil, estão mais próximos que distantes.

categorias em base ao material etnográfico com o qual empiricamente baseio a hipóteses de uma quebra total da objetividade representada, especialmente nas diferenças de classe quando um sujeito se encontra fazendo uso do crack. Assim, os relacionamentos de poder e o exercício do controle externo tanto como o auto-controle, em termos biopolíticos, é dissolvido e transformado de dentro para fora, mediado pelo que Preciado chama de biofarmacopoder (Preciado 2008)

Isso quer dizer que, os usuários de Pb/c ou crack consomem o poder que tem sido produzido nas periferias da legalidade. Tentarei descrever e analisar esta hipótese aprofundando na subjetividade (de adentro) e objetividade (de afora) da interação e experiência do sujeito com o uso das nomeadas drogas.

Os dados etnográficos que descrevo aqui são secundários, porque o que pretendo neste artigo é sintetizar aquela informação em um texto mais teórico. No obstante, resumirei minha metodologia. Por meio da observação participante, morei com um grupo de jovens vendedores e usuários de drogas, registrando as suas vidas em um período de 1 ano de pesquisa etnográfica. Fiz dezenas de entrevistas, centos de notas de campo e através do análise das histórias de vida dos meus interlocutores, desenvolvi este artigo e a minha pesquisa.



Autor: William Alvarez (Interlocutores fumando Pb/c em beco do bairro. Quito/Equador)

De fora... para dentro

Mas, de quê tipo de sujeito e subjetividade quero falar? Para ser mais preciso quero me afastar das generalidades para parar no processo de mediação que existe entre as especificidades de

consumidores e usuários destas drogas⁴, dos quais tive maior contato na minha observação de campo. Por tanto, vou me focar na classe média e os consumidores que moram nas ruas porque cada um deles representa uma construção social, simbólica, cultural e econômica que muda a vida cotidiana deles em relação com o mundo do consumo de drogas ilícitas.

Dentro dessa mediação entre a subjetividade e o sujeito penso na categoria de habitus de Pierre Bourdieu⁵ para iniciar o análise sobre as formas de como há uma dependência destes sujeitos consumidores sobre uma estrutura sociopolítica que é co-relacional e dialógica (agência-estrutura), mas que dentro da mesma estrutura entendida como instituição total também há assimetrias que produzem sujeitos diversos. Neste ponto, o uso desta categoria faz referência ao processo institucional contemporâneo que tem consolidado a constituição de um agente ou sujeito inserido dentro de estruturas sociais que moldam o seu agir, por exemplo; a escola, universidade, as profissões, o trabalho. Um agir formalizado e legalizado dentro de práticas e sistemas racionais que amoldam ao longo do tempo tanto a realidade econômica do sujeito como a sua produção social da realidade situada em um lugar.

Mas esta dualidade estrutura/sujeito não permite olhar na mediação do que acontece na prática e produção deste habitus estruturado e estruturante, pelo tanto o sujeito só pode agir dentro dos mesmos padrões ainda sejam revolucionários ou desviados, é o tipo de agência que Bourdieu tenta explicar por exemplo com os estudantes excepcionais que quebram as estruturas convencionais que reproduzem o poder de certa classe social na cultura, na arte, na ciência ou nas profissões liberais, mas só conseguem ser excepcionais incorporando aqueles padrões dentro das estruturas sociais convencionais, perpassando os limites estabelecidos pelo historicismo hegemônico de classe, gênero e raça.

É nesta ausência ou fronteira do que acontece nessa mediação da ação entre a estrutura institucional e o sujeito, que considero há emergências de subjetividades diversas da forma como Norbert Elias (1994) entende o desenvolvimento do indivíduo no processo civilizatório dividindo em psicogenética e sociogenética a dialógica subjetiva/objetiva do indivíduo como um continuum em uma cultura dentro de um Estado que representa um projeto civilizatório. Concretamente um Eu (psicogenética) e um Nós (sociogenética) com uma subjetividade histórica independente, co-dependente ou relacional dependendo dos mitos de origem ou pontos de partida de cada sociedade ou grupo social específico.

Este argumento enfatiza a força do Estado compreendido como uma prolongação histórica da configuração dos mitos fundacionais a partir de afinidades culturais e não só como entidade estática que oprime e consolida os habitus que reproduzem as lógicas da estruturação, o como faz referência Elias quando descreve como o exercício do monopólio da força do Estado interfere com o agir do indivíduo.

⁴ É muito difícil falar de consumidor e usuário em singular, há uma variedade muito ampla e diferenciada de pessoas inseridas no mundo das drogas, mas pelo geral nas pesquisas sociológicas ou antropológicas há poucas pesquisas que falem do consumo destas drogas na classe média e dos ricos, ou que falem dos diversos profissionais, empresários, “businessman” ou mães donas de casa que frequentam as ruas ou certos lugares privados ou públicos para ficar e consumir estas drogas fora dos imaginários hegemônicos precários que se tem sobre estes usuários/consumidores. Então aqui temos um problema de abordagem metodológico que limita ampliar o panorama social sobre a diversidade de usuários/consumidores, que por múltiplas causas preferem se ocultar do olhar social a razão de uma economia moral estratificada, mas que ao mesmo tempo reduz o entender e a ampliação do discurso das drogas.

⁵ *El habitus se define como un sistema de disposiciones durables y transferibles -estructuras estructuradas predispuestas a funcionar como estructuras estructurantes- que integran todas las experiencias pasadas y funciona en cada momento como matriz estructurante de las percepciones, las apreciaciones y las acciones de los agentes cara a una coyuntura o acontecimiento y que él contribuye a producir.* (Bourdieu, 1972: 178)

Pode-se demonstrar que a tendência para formar esses monopólios nessa época passada de nossa historia nem é mais fácil nem mais difícil de compreender que, por exemplo, a forte tendência à monopolização em nossa própria época. Daí segue-se que não é difícil de compreender que, com esta monopolização da violência física como ponto de intersecção de grande número de interconexões sociais, são radicalmente mudados todo aparelho que modela o individuo, o modo de operação das exigências e proibições sociais que lhe moldam a constituição social e, acima de tudo, os tipos de medo que desempenham um papel na sua vida (Elias, 1990: 17).

Aquelas interconexões que ele fala nesta cita são as mediações e as fronteiras que precisam ser aprofundadas no análise do sujeito na sua construção em uma relação específica que neste caso é o uso de drogas duras em contexto de rua. De modo que ambas perspectivas de análise tanto em Bourdieu e Elias, são afines e complementarias para entender o que acontece nessa mediação acima referida, e com o qual quero descrever e explicar sociologicamente como um individuo pode tornar-se consumidor ou usuário de Pb/c ou crack.

Desta forma nas minhas observações de campo o contraste entre um consumidor de classe média e um morador da rua são muito claras principalmente pelo poder de compra, os contextos de consumo e nas comodidades pre e pós-consumo destas drogas. No entanto, as formas de consumo (rituais, cerimônias, ferramentas) ou o consumo mesmo destas, o sentimento de pânico, o medo, a somatização dos efeitos do crack no corpo e a performance neurótica de ser observado e esconder-se do olhar público, manifestam-se quase da mesma forma nas diversas facções sociais a pesar das claras diferenças materiais, simbólicas e de classe ainda os lugares urbanos de consumo sejam diferentes, por exemplo dentro de um carro, uma casa distante do espaço público ou uma esquina, beco ou barraco de bairro periférico.

Então dentro desse processo de desvanecimento das diferenças objetivas de classe acontece uma homogeneização da subjetividade apagando o habitus diferencial do sujeito (agencia) e qualquer diferença de classe, porque os efeitos desta droga inibem as reações do sujeito aprisionando a subjetividade fora de qualquer processo externo disciplinar da forma como Foucault (1996) analisa a força do poder do discurso e do avance da ciência no desenvolvimento do sujeito. No caso destas drogas o poder aliena-se do sujeito porque é uma experiência de dentro para fora ao contrario da sociedade disciplinar, e da maneira como o estruturalismo pensa a relação sujeito-estrutura e disciplina/disciplinamento.

Segundo os relatos dos consumidores de Pb/c que acompanhei nas suas jornadas de consumo na rua e na etnografia que fiz da suas condutas, manifestações, diálogos e rituais de consumo, o poder punitivo externo não significa nada em relação ao poder interno que produz a droga na sua vida cotidiana e subjetividade, especialmente nos consumidores da rua os quais esqueceram e apagaram o mundo exterior para só focar-se no seu mundo interior. Mas morar no mundo interior do consumo destas drogas representa outra realidade inversa ao formalismo moralista do positivismo científico desde acima, obrigando ao pesquisador (sociólogo ou antropólogo) tentar entender desde sua observação participante como essas logicas não normativas produz outras logicas, isso quer dizer outros símbolos, signos, semânticas, epistemologias e estruturas com igual sentido, mas fenomenologicamente impossível de pensar desde um sentido prático (Bourdieu, 2008).

Na minha pesquisa anterior pensei nesta possibilidade como um “contra-campo” que ao inverter a logica da definição do campo em Bourdieu, me ajudou pensar as outras

possibilidades que estão em debate o tempo todo na ciências sócias sobre a eficácia do poder, especialmente na leitura que Foucault faz do poder como o disciplinamento do corpo e a subjetividade por meio de uma microfísica ortopédica que a partir dos discursos consegue dirigir a subjetividade de um sujeito embaixo as lógicas das verdades científicas.

Mas no caso dos consumidores de Pb/c ou crack, a relação com o poder experimenta-se na mediação do prazer do objeto no sujeito. É nesta ação onde o discurso do poder como uma força do exterior quebra-se e inicia outra forma onde o poder manifesta-se no interior, não por meio da coerção senão por meio da introjeção do poder biopoliticamente ou por via da sujeição do tipo em que Misse (2010) descreve o processo do criminoso visto desde fora, ainda ele não seja criminoso o que ele faça pressupõe-se criminoso. No caso dos consumidores destas drogas em países como a Colômbia e o Brasil o consumidor é visto como viciado ou lumpen. No obstante, há uma sujeição no grão de expropriação e apropriação do poder da subjetividade desta droga sobre a subjetividade do sujeito que acontece nos rituais de consumo, na socialização e no espaço urbano que só se consegue entender no interior da experiência fenomenológica do sujeito e no habitus que ele reproduz e representa no seu desenvolvimento cotidiano.

Também falo de biopolítica⁶ por duas razões, a primeira tem a ver com o controle do Estado sobre o consumo e os consumidores de drogas⁷ e as macro políticas globais sobre o uso das mesmas, a restrição, a guerra, o discurso, o relato moral que tenta penalizar o uso da droga castigando ao usuário em alguns países de América do Sul como acontece no Brasil, ou ao traficante mediante a guerra contra a produção como na Colômbia. Mas esta percepção parte desde acima, é uma biopolítica vertical claramente moralizada por um discurso do século de XIX e XX que faz parte da sociedade disciplinar que Foucault analisou e que depois Deleuze y Guattari aprofundaram. Becker (1999) chamara a este grupo de poder como os empreendedores morais, mas na sua análise ele não alcançou aprofundar na história desse tipo de moralidade genealógicamente para conhecer as origens discursivos da verdade moral (Foucault, 1979) ne da verdade como a reprodução estrutural das instituições que legitimam as verdades desigualmente (Bourdieu, 2007) a partir de jerarquias de classe.

Mas nos análises sobre as drogas a perspectiva concentra-se desde fora do sujeito, usando ao mesmo tempo que um análise clínico, médico e psicológico clássico que rejeita o prazer do sujeito quando consome drogas chamando isso de adição química sem considerar o processo ontológico ou a psicogênese do processo do sujeito tornar-se consumidor, ou sua construção como sujeito na forma diferenciada que a estrutura social e a cultura gera as subjetividades entre esse binarismo eu-nós que Elias (1994) determina para falar da produção do indivíduo no processo civilizatório o tempo todo como uma configuração dialética heterogênea.

⁶ Sobre esta categoria Foucault ia dizer que, “[...] *el poder es cada vez menos el derecho de hacer morir y cada vez más el derecho de intervenir para hacer vivir, y de intervenir sobre la manera de vivir, y sobre el “como” de la vida; a partir de este momento, entonces, en que el poder interviene, sobre todo en este nivel, para ampliar la vida, para controlar los accidentes, lo aleatorio, las deficiencias, de golpe la muerte, como término de la vida, es evidentemente el término, el límite, el extremo del poder*” (2000, 221)

⁷ Em cada país da América do Sul há diferentes formas políticas de abordar o consumo e aos consumidores de drogas. Cada Estado administra a gerência os assuntos legais, médicos ou punitivos. Em alguns países as normas do consumo estão mais reguladas e são mais liberais, em outros há um maior castigo. No caso da Colômbia o consumo de certas drogas e certa quantidade da mesma esta legalizada por lei, mas no caso do Brasil, por exemplo, ainda o consumo ainda é punido.

Nos usuários que eu chamo de consumidores consumidos⁸, isso quer dizer, um habitus estruturado e estruturante de um mundo da vida além da economia política que se gera no interior desses consumidores e que faz parte do que eu também chamo de contra-campo (econômico). Na vida deles a consciência pelo poder que reprime e moraliza desde fora não tem importância porque para eles, primeiro, o poder é um problema que só invade a sua paz e vontade de exercer o seu direito à liberdade, a sua segurança, a sua escolha de ser consumidores destas drogas, morar nas ruas, viver da economia informal, dos crimes, etc., mas eles conseguem fugir dessa forma de como o poder se manifesta.

Eles sabem que nessa forma de representação do poder há margens, poros, fissuras para onde sair, estratégias discursivas, estratégias legais, ou simplesmente uma cultura da rua e das tensões punitivas tão forte que ficar preso uns dias em alguma delegacia ou receber golpes da polícia não tem tanta importância como quando as instituições de poder representa o seu poder atacando as formas de como o consumidor consumido usa a droga nos seus rituais de consumo, por exemplo quebrando os cachimbos que eles usam, tirar para a lixo ou fazer estragar a droga nos momentos prévios ao consumo da mesma, torna-se a pior forma de punir a um consumidor de crack ou Pb/c da rua.

Desta forma o que se conhece como poder disciplinar por meio de dispositivos arquitetônicos (cadeia) ou armas, estão longe de funcionar na sociedade dos contra-campo e dos habitus ilegais, porque as formas como o poder disciplinar deve operar depende da capacidade particular dos sujeitos de poder entender os mecanismos dos dispositivos deste tipo de habitus e sujeitos, além da mediação entre o mundo ou campo do legal/formal/normativo e o contra-campo do ilegal/informal/não normativo.

E segundo, eles incorporam o poder de uma forma subversiva contra-hegemônica porque ao fumar dos cachimbos (ou das diversas formas e rituais de consumo) eles estão tragando, praticamente aspirando o poder. Então a biopolítica não entra neles por acima, senão que se transforma em um dispositivo que podemos chamar de biofarmacopolítica⁹ (Preciado, 2008), dispositivo que ao mesmo tempo produz as subjetividades que leva aos consumidores consumidos na consolidação deste habitus cíclico da ilegalidade.

De dentro... para fora

Sim dúvida, o processo para tornar-se consumidor de Pb/c ou crack depende muito do entorno do sujeito, da classe, do gênero e da etnia. Na minha pesquisa encontrei todo tipo de pessoas morando nas ruas, usuários esporádicos, curiosos ou consumidores consumidos: profissionais, operários, ricos, pobres, jovens, velhos, homens, mulheres, brancos ou pretos. A rua e o mundo de consumo destas drogas não tem fronteiras marcadas, o mundo todo é bem-vindo quando na mediação dos fenômenos no racionais, vamos falar aqui de fenomenológico, o cenário de consumo captura no ato as subjetividades das diferenças de classe, gênero ou étnicas, consolidando e apagando assim os espaços sociais das diferenças para consolidar uma

⁸ Na versão original no espanhol o verdadeiro nome da categoria é *consumidores consumidos*. Em português tem sido difícil achar uma palavra com o mesmo significado que expressa a língua em espanhol. Neste caso optei pelo adjetivo *consumido* ainda não descreva o conteúdo que há na palavra *consumido*, mas funciona para dar a entender o processo pelo qual um sujeito por meio do consumo regular de algo pode ser consumido no processo de consumo desse objeto, coisa a mercadoria.

⁹ Esta categoria amplia o alcance da biopolítica e faz referência ao uso de como a teoria queer aprofunda nas novas estratégias químicas de parte da indústria farmacêutica, para inocular dispositivos de controle nos corpos das mulheres para gerir a planificação da fecundidade, a sexualidade e os hormônios que fixam o gênero a partir de dispositivos como a pílula anticoncepcional.

outra socialização onde o diálogo ao redor do prazer do consumo e do poder destas drogas para produzir uma subjetividade única, um ritual, uma cerimônia que lembra as festas dionisiacas é completamente diferente aos valores morais hegemônicos do mundo racional.

Nesta socialização o silêncio é o principal indicador da forma como a Pb/c ou o crack capturam a subjetividade do sujeito. Na minhas observações lembro ter passado muito tempo observando como alguns consumidores consumidos da rua passavam horas sem falar sentados o deitados em bacos ou casas abandonadas no jogo contínuo de ligar/desligar os cachimbos, trocar ideias sobre a qualidade do produto, pedir fósforos, água, colocar musica, misturar outras drogas (como a maconha), procurar mais crack ou Pb/c, tentar transar com alguém, prostituição, vender os sapatos, os telefones, os relógios, qualquer coisa quando a droga acabar. Em fim, dentro desse espaço de consumo há e não há forma de sair daí, todo depende se o sujeito tem ou não a capacidade de decisão para decidir parar ou continuar, mas essa escolha depende principalmente da subjetividade do sujeito, subjetividade que nesse processo vive uma sujeição de parte das subjetividades assimétricas e da biofarmacopolítica desta droga.



Autor: William Álvarez (Interlocutor aspirando Pb/c do cachimbo)

Nessa mediação há um ponto limite, uma fronteira fácil de cruzar, e esta fronteira é estrutural, e é esta fronteira o que delimita o poder da Pb/c ou o crack para se apropriar do sujeito. Pelo tanto existe uma resistência, em termos de Bourdieu esta resistência são campos em luta onde as diferenças de classe, de gênero e étnicas estabelecem pontos de fuga, moralidades e contra-poderes subjetivos.

No grupo de jovens consumidores consumidos que acompanhei nas suas jornadas de consumo observei este ponto de quebra ao termo das longas jornadas de consumo que podem durar dias sem parar e sem comer. As assimetrias entre os usuários e consumidores da rua contrasta no grão em que a biofarmacopolítica exerce controle na subjetividade do sujeito, e é aqui onde a sociogênese do individuo difere dos outros consolidando processos ontológicos únicos, mas esta ontologia esta sustentada fortemente na armação das classes sociais. Pelo tanto, é o habitus do sujeito o que delimita as fronteiras e produz a luta subjetiva entre os campos objetivos do mundo do consumidor que se consuma e o usuário da classe meia.

De novo, o poder exercido desde fora é relativo porque o esquecimento da norma, da moral, de ser aprendido na rua fumando ou comprando estas drogas passa a um segundo plano devido ao forte poder que exerce a subjetividade da droga nos usuários e consumidores consumidos. Mas esta subjetividade pode ser dirigida de melhor forma pelos sujeitos dependendo do grão de consumo ou do habitus de consumo estruturado pelo sujeito. Ser um consumidor consumido é uma tarefa, cultura, eleição racional com igual legitimidade que qualquer profissão legal.

Então o habitus de um consumidor consumido esta baseada em uma estrutura social plástica no sentido que as fronteiras por exemplo do legal/ilegal, formal/informal desaparecem, é o mundo da sobrevivência e por tanto há uma construção de práticas, ações, estratégias, economias politicas e até epistemologias variadas que são as que geram as assimetrias objetivas (de classe) e subjetivas (sociogênese) em comparação com o mundo dos não consumidores destas drogas. Assimetrias objetiva pelas estratégias de sobrevivência materiais que eles estabelecem nas suas vidas cotidianas, e que ao mesmo tempo são as práticas que entram em confronto com a sociedade da norma ou nas palavras de Becker (1999), com os empreendedores morais.

De parte da subjetividade há uma consolidação que junto com o habitus do consumidor consumido e a biofarmacopolítica da droga, se produz uma subjetividade assimétrica inter-subjetiva. Mas esta assimetria inter-subjetiva só tem relevância no contra-campo do consumo e no espaço urbano de consumo destas drogas. Aqui quero explicar que as assimetrias inter-subjetivas são as que geram as ações de controle da vontade dos corpos ao redor da droga porque o poder de controle de uns sobre os outros depende do poder do sujeito sobre o poder aspirado da subjetividade destas drogas, mas aqui o fator de classe, de gênero e étnico também revela fatores assimétricos que no mundo da rua as margens da tolerância, a risada, a amizade e o bem-estar não estão longe da violência física.

Nessa margem do prazer e a violência durante minha pesquisa vi como um pequeno erro, uma mentira ou um pequeno abuso como esconder ou roubar os fósforos cria os conflito, mas nesse tipo de conflitos as assimetrias subjetivas tem muito a ver com o conflito físico porque na maioria dos casos são os sujeitos com maiores habitus de consumo, por tanto, os quais dominam de melhor maneira o poder subjetivo da biofarmacopolítica os que geram as hierarquias inter-subjetivas (violentas) no espaço urbano de consumo e no espaço da socialização precária. Mas o que acontece no interior desse processo assimétrico de violência inter-subjetiva e física concentra-se fora de qualquer entendimento racional binário opressor/oprimido, porque dentro desse contra-campo há um amplo mundo interior em briga constante com o mundo axiológico do que eles consideram o exterior, a sociedade normal/formal/legal.

Concordo com Schutz (1979) da forma como ele critica a racionalidade weberiana introduzindo outras possibilidades de entendimento que estão fora dos limites da razão, aqui o não-racional não deixa de ser importante entendendo que cada ação no mundo do consumo de droga na rua tem fins muito claros a respeitar, por tanto, o que acontece no interior de cada subjetividade e no momento em que os sujeitos socializam no espaço degradado do consumo, fica no mundo dos fenômenos, é uma fenomenologia com uma lógica particular que não se afasta da axiologia da sociedade estruturada, isso quiere dizer, dos habitus e campos sociais normativos.

Para um consumidor consumido não há como esquecer o passado ne o presente, se consume para esquecer o futuro, se consume para apagar a memoria no presente, se consume para viver ainda seja na aproximação á morte, mas na maioria das historias de vida que escutei a briga mais grande que muitos de eles tinham ou tem ainda é contra e sobre se mesmos. De forma

dialética no dia a dia a luta fenomenológica de cada um de eles está mediado em grosso modo pela biofarmacopolítica, dispositivo que ativa os conflitos inter-estruturais dos campos (formais/legais/normativos) e contra-campo (informais/ilegais/não-normativos) subjetivos e axiológicos entre o eu-nós dos consumidores consumidos e dos usuários/consumidores esporádicos ou de outras classes sociais.

É nesta margem onde se definem os limites e escolhas dos sujeitos para decidir em que espaço social preferem estar quando entram no consumo destas drogas. Dentro ou fora, como tornar-se consumidor de crack ou Pb/p encontra-se nesta fronteira. Mas é uma fronteira que está longe de pertencer alguma facção da sociedade de valores sociais moralista/funcional, até de uma sociedade desviante da forma como Becker analisa o mundo dos consumidores de maconha e sua relação com a cena da arte e a música. No caso que ele ressalta os usuários de maconha jamais se afastaram da sociedade, o tempo todo participavam dela desde outra moral, outras práticas no momento proibidas e censuradas por instituições totais e empreendedores morais, mas por outro lado venerados pelos amantes da música jazz e da vida boêmia.

Ainda no século XXI a legalização da maconha seja um debate de não acabar cultural e politicamente é mais aceita que a meados do século XX, porque o desenvolvimento dos discursos e verdades contra os discursos e as verdades hegemônicas da proibição política e moral sobre o uso da maconha, tem consolidado uma resistência ao tipo de subjetividade que gerencia o poder e a verdade na decisão do que é permitido ou não, e isso tem afeitado culturalmente a percepção social sobre as drogas e sobre os usuário/consumidores no século XXI.

Por tanto é também difícil pensar nos usuários destas drogas como outsider porque em certo grau a biofarmacopolítica é tão forte na subjetividade dos sujeitos que só dependendo do habitus e estrutura social do indivíduo é possível fugir, controlar ou administrar o uso e desuso da mesma. Por tanto, de novo a interseccionalidade: classe, gênero e raça, tem muito a ver com o poder da escolha entre virar ou não virar consumidor de Pb/c ou crack, e no poder da subjetividade sujeitada também de se afastar da dominação inter-subjetiva.

Ser *outsider* implica um discurso, uma ideologia ou uma posição urbana ou material da forma como Elias (2000) analisa o termo na sua pesquisa em *Wisntom Parva* (nome fictício). No caso dos consumidores consumidos com os quais compartilhei, o rótulo de outsider não tem relevância nenhuma porque não há discurso, não ideologia, não propriedade material, não sequer posição urbana pelo fato que muitos deles estão de lugar em lugar. Em resumo, virar consumidor consumido de Pb/c ou crack faz do sujeito uma extensão do poder da subjetividade destas drogas que no interior deste processo vira sujeito autônomo, excluindo e dominando finalmente a sociogênese do indivíduo criando assim o habitus ilegal que estrutura o contra-campo que representa o mundo ilegal/informal/violento do tráfico e o consumo destas drogas nas ruas, e a consolidação das vidas precárias destes consumidores consumidos que nos jovens que conheci pouco a pouco iam sendo pegos pela polícia, mortos ou feridos nessa busca incessante por satisfazer a subjetividade da substância e o poder corporizado da mesma no sujeito.

Palavras finais

Na lógica científica e política contemporânea de abordar o que se conhece como o problema das drogas, no caso da Pb/c e o crack há varias coisas a considerar. Primeiro, a visão globalizante sobre os efeitos nocivos, tóxicos e prejudiciais das drogas são diferenciados e se devem analisar de forma particular para assim estabelecer melhores políticas de saúde pública e marcos legais na regulação tanto no consumo recreativo como no porte dela e a sua despenalização. Segundo, o consumo destas drogas per-se não representa uma linha direta á adição, a droga não é o problema senão as condições ao redor da construção social do sujeito, sua subjetividade e habitus na estrutura social de a sua conformação, sem contar das disparidades assimétricas acima descrita que a interseccionalidad classe, gênero e raça produzem nessa apreensão do poder subjetivo inserido na mediação que há entre a Pb/c, o crack e o sujeito que consume.

Neste artigo minha proposta é ver a droga não como uma sustância ausente de vida, todo o contrario, quero analisar a droga como um conjunto ontológico socialmente carregado de uma subjetividade inerente a sua natureza, assim alienada no processo mercantil e como fetiche, a Pb/c e o crack respondem ás lógicas subjetivas do macro poder vazio da filosofia do dinheiro do narcotráfico onde a principal intenção é se apropriar, segurar e dominar as subjetividade dos corpos estruturalmente, étnica e sexualmente diversos.

Referencias bibliográficas

- Alvarez, W. (2015). *Sobreviviendo con la pipa: drogas, violencia y conflictos interétnicos en El Paraíso*. Quito: FLACSO.
- Becker, H. (1999). *Outsider. Estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bourdieu, P. (1997). *Razones prácticas, sobre la teoría de la acción*. Barcelona: Anagrama.
- Bourdieu, P. (2007). *Meditações Pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Bourdieu, P. (2008). *Razões Prática. Sobre a teoria da ação*. Campinas/SP: Papiros Editora.
- Foucault, M. (1999). *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Layola.
- Foucault, M. (1979). *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graas.
- Foucault, M. (2000). *Defender La Sociedad*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Misse, M. (2010). *Crime, Sujeito e Sujeição Criminal: Aspectos de uma Contribuição Analítica Sobre a Categoria “Bandido”*. São Paulo: Lua Nova 79: 15-38.
- Norbert, E. (1994). *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Graas.
- Norbert, E. (2000). *Os estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro: Graas.
- Preciado, B. (2008). *Testo-yonki*. España: Espasa Editores
- Schutz, A. (1979). *Fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro: Graas.